

Cristina Normandia dos Santos

Doutoranda/Bolsista da CAPES.

Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

cnormandia@yahoo.com.br

O processo de referenciação como organizador de pontos de vista de internautas do Facebook

Resumo

Nos últimos anos, acompanhamos uma mudança cultural da sociedade, que passou a expor o ponto de vista sobre fatos da política brasileira em redes sociais, como o Facebook. Especificamente, em perfis de renomados jornalistas. Esta «interação desterritorializada» (Koch, 2002) ocorre em comentários que são publicados, no popular site social, por internautas, leitores de tais jornalistas, explicitando, assim, uma «heterogeneidade discursiva» (Koch, 2002). Este artigo discutirá o processo de referenciação como organizador de pontos de vista em gêneros discursivos argumentativos, no suporte Facebook.

54 { texturas 15

Palavras-chave

{ referenciação, ponto de vista, Facebook }

Resumen

En los últimos años, seguimos un cambio cultural en la sociedad, que comenzó a exponer a la vista de los hechos de la política brasileña en redes sociales como Facebook. En concreto, en los perfiles de periodistas de renombre. Esta «interacción desterritorializado» (Koch, 2002) se produce en los comentarios que se publican en un sitio social popular para los usuarios de Internet, los lectores de este tipo de periodistas, lo que explica una «heterogeneidad discursiva» (Koch, 2002). Este artículo discutirá el proceso de referencia como organizador de puntos de vista sobre los géneros argumentativos, apoyo de Facebook.

Palabras-chave

{ hacer referencia, punto de vista, Facebook }

As influências da cultura digital

Nem todos são unânimes em relação às interferências culturais da Internet na sociedade. Renomados antropólogos, sociólogos, educadores e filósofos costumam sinalizar posicionamentos distintos sobre as benfeitorias culturais que a Internet pode proporcionar para a sociedade. O Antropólogo Canclini (2009), por exemplo, pertence aos críticos reticentes, que se ocupam em avaliar a interferência cultural e social das mídias de massa. O antropólogo vê na Internet um produto de consumo e de espetacularização, que orienta os jovens a uma percepção fragmentada da realidade. Canclini observa:

«Entre as décadas de 1970 e 1980, a pergunta era o que significava ser a primeira geração na qual a televisão era um componente habitual da vida familiar. Agora se trata de entender como a espetacularização permanente à distância nos modifica, ou, dito de outro modo: esta estranha combinação de midiatização e interconectividade». (2009:216)

É interessante lembrarmos o impacto que a televisão produziu na sociedade, pois, este instrumento de comunicação de massa adquiriu uma «personificação» nas residências. A TV era a «amiga», a «companheira», um «membro da família» e a potencial «babá eletrônica» e, concomitantemente, responsável pela acomodação cognitiva dos indivíduos e, por longo tempo, foi criticada no contexto educacional, em que foi responsabilizada pelo fracasso escolar de discentes. A justificativa para esta crítica pode ser compreendida com Castells (1999:417) que salienta: «a TV apela ao espírito associativo/lírico, não envolvendo o esforço psicológico de coleta e análise das informações», assim, explicando a real característica deste meio de comunicação, que foi de grande importância tecnológica, pois, representou o rompimento histórico com a cultura tipográfica (Castells, 1999.).

Outro aspecto interessante mencionado por Canclini (2009) que vai de encontro com a interferência da Internet na sociedade é a relação dos conceitos midiatização e interconectividade. A midiatização significa «difundir por meio da mídia» (Houaiss, 2009). Já a ideia de interconectividade está relacionada ao sistema eletrônico que integra todos os meios de comunicação e conecta em rede os indivíduos (Castells, 1999). Dois aspectos que são entre si paradoxais, mas que conjugam e que definem o recente comportamento da sociedade, o da espetacularização.

Esta espetacularização referida por Canclini (2009) pode ser considerada uma «armadilha» do «mundo do entretenimento» que é a própria web, com suas comunidades e redes sociais. Nestes ambientes, ocorre exposição dos internautas, a partir de fotos, vídeos e textos —de temáticas pessoais ou públicas, que expressam a opinião sobre algo— e os jovens são um dos mais aficionados por essa exposição virtual. Neste sentido, o termo espetacularização adquire o sentido de «popularidade». A Internet possibilita a exposição de qualquer indivíduo. É um *Big Brother online*. Quanto mais um perfil pessoal ou público é acessado ou «curtido» maior é a popularidade e a espetacularização.

No Houaiss (2009) não é encontrado o termo espetacularização, pois, se trata de um neologismo, entretanto se encontra a sua palavra primitiva, o adjetivo «espetacular», que, de acordo com o dicionário, significa o «que seduz os olhos pela grandiosidade, luxo, beleza, ineditismo» e possibilitou a criação do verbo «espetacularizar» – ação de seduzir pela beleza ou ineditismo – e do substantivo «espetacularização» – Conceitua a ação de espetacularizar. Por isso, o que se publica na Internet se torna inédito, seduz os olhos pela grandiosidade ou beleza. Ou seduz os olhos por criar «estranheza». Deste modo, o que se publica, especificamente, nas redes sociais, se torna um espetáculo e, conseqüentemente, «produto» para o consumo. Aliás, o consumo é a outra «face», significativa, da mídia virtual.

A Globalização, enquanto processo internacional que aprofunda as relações econômicas, políticas, sociais e culturais, intensificou a atividade de consumo da sociedade. A Internet se tornou símbolo ou referência dessa *práxis* de consumo da sociedade. Na verdade, o principal produto de consumo na Internet é a informação. Informação, esta, no formato de texto, imagens ou vídeos. Informação que é disseminada por segundo e que qualquer usuário pode ser o divulgador. Isto levou os *nerds* criarem softwares sofisticados que possibilitam a interação da informação, como é o caso das redes sociais. A informação consumida na Internet revela o principal «produto» da mesma: a comunicação digital. Produto que torna a Internet distinta das outras mídias de massa. O sociólogo Castells observa:

«A integração potencial de textos, imagens e sons no mesmo sistema (...) muda de forma fundamental o caráter da comunicação. E a comunicação, decididamente, molda a cultura porque, como afirma Postman “nós não vemos... a realidade... como ‘ela’ é, mas como são nossas linguagens”. E nossas linguagens são nossos meios de comunicação». (1999:414)

Castells, citando Neil Postman —importante teórico da comunicação dos Estados Unidos— nos faz compreender que a comunicação digital interfere culturalmente na sociedade por meio da linguagem, pois, a comunicação se realiza na linguagem. Em outras palavras, não é a utilização do instrumento de comunicação, em si, que transforma culturalmente a sociedade, mas o USO que fazemos desta comunicação, a linguagem propriamente dita, o qual transforma as nossas interações sociais. E isto vai de encontro com as inquietações de Canclini (2009), logo, a espetacularização se dá no uso da linguagem nesta mídia de massa, a Internet. A «espetacularização da comunicação».

Castells (1999) propõe a compreensão da comunicação digital fundado em dois eixos: a estrutura da comunicação digital e a interferência cultural da comunicação digital na sociedade. Sobre a estrutura da comunicação digital, o sociólogo destaca que a Internet integrou num mesmo sistema as modalidades escrita, oral e audiovisual, algo que a prática humana do discurso escrito se distanciou. Esta tríade de modalidade tornou a Internet um Ciberespaço, que segundo Santaella (2004:40): «Consiste de uma realidade multidirecional, artificial ou virtual incorporada a uma

rede global, sustentada por computadores que funcionam com meios de geração e acesso». Assim, foi incorporado a linguagem os aspectos hipertextual e híbrido, ampliando a nossa interação na sociedade. Sobre o caráter hipertextual da comunicação digital, Koch (2002:63) diz: «O hipertexto constitui um suporte linguístico–semiótico hoje intensamente utilizado para estabelecer interações virtuais desterritorializadas».

Logo, o eixo sobre a interferência cultural da comunicação digital orienta, como dito acima, para o USO que é feito da linguagem nestas interações virtuais, o qual a construção da realidade, se dá coletivamente. A realidade sendo (re)construída nas «interações virtuais desterritorializadas», a partir da comunicação de muitos com muitos. Sendo esta a essência cultural da Internet na sociedade. A comunicação digital ampliou os meios de agir socialmente, em outras palavras, ampliou as nossas atividades discursivas, em que a realidade é construída coletivamente.

Pragmaticamente, isto fica evidente nas interações que são realizadas em redes sociais como o Facebook, que vem convocando a atenção da sociedade para o grau de exposição de imagem, mas, principalmente, da exposição da opinião sobre os mais diversos temas. O Facebook se tornou o suporte hipertextual que possibilita qualquer indivíduo deixar seu anonimato, para expressar seu ponto de vista sobre questões sociais, como, por exemplo, os assuntos vinculados ao contexto político. E ilustro com o uso político que os brasileiros têm feito do Facebook, os quais são discutidos fatos a respeito da recente crise política, o qual o país atravessa nos últimos anos.

Neste suporte «desterritorizado», o «silêncio» é rompido e «dissolvido» na comunicação coletiva e acredito que poucos tenham a dimensão da «espetacularização» dessa exposição social. E os que têm a percepção do âmbito desta «espetacularização», a utilizam de modo que interfira na opinião coletiva. É o caso do jornalismo, com seus profissionais, que utiliza o Facebook para disseminar a informação e influenciar na opinião de internautas.

É interessante observarmos como os objetos de discurso são (re)construídos coletivamente nas redes sociais, pois, ocorre a interação de pontos de vista heterogêneos, que vão estimular a existência de uma heterogeneidade discursiva. Nesta heterogeneidade discursiva, os objetos do discurso vão sendo (re)construído de modo a refletirem identidades, ideologias e culturas. Em cada comentário publicado no Facebook, por exemplo, observaremos um mesmo referente, coletivamente, adquirindo sentidos na progressão discursiva, ou seja, uma distinta atividade de (re)construção do real.

Nesta atividade discursiva coletiva, que ocorre no Facebook, especificamente, os sujeitos acionam um complexo sistema cognitivo, que lhes dão suporte para produção e compreensão de enunciados. Sistema este organizado pelo conhecimento de mundo, linguístico e socio-interacional. É nesse ínterim que se estabelecem as estratégias de referência, que de acordo com Koch (2014:48): «Referência constitui, assim, uma atividade discursiva. O sujeito, na interação, opera sobre o material linguístico que tem à sua disposição, (...) com vistas à concretização do seu projeto de dizer».

Neste ambiente coletivo, os internautas visam concretizar seu «projeto de dizer», então, fazem escolhas linguísticas que reflitam o seu propósito comunicativo e que

interfiram no «outro», pois, a linguagem, enquanto processo de interação social, implica a existência do «outro» no discurso. Bakhtin (2010:271) diz:

«Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante».

Neste sentido, para compreender a organização destes pontos de vista que circulam no Facebook, analisaremos as retomadas e as (re)construções de referentes em opiniões publicadas em comentários, na rede social. Estes comentários são motivados por artigos de opinião sobre fatos políticos, que são publicados por jornalistas. Aqui serão analisados comentários publicados sobre artigo de opinião produzido pela jornalista Eliane Catanhêde, do jornal paulista «O Estado de São Paulo», publicamente conhecido como «Estadão». Antes, faço uma reflexão sobre a natureza do gênero discursivo «comentário» e sobre o suporte Facebook.

O processo de referenciação em pontos de vista de internautas do Facebook

As «interações virtuais desterritorializadas» (Koch, 2002:63) se realizam pragmaticamente nos gêneros discursivos digitais, que para Marcuschi (In. Marcuschi & Xavier, 2010), são gêneros discursivos emergentes, pois, possuem similaridades com outros ambientes, tanto na oralidade como na escrita. São gêneros discursivos que estamos habituados a utilizar, ou aprendendo a utilizar. Os mais conhecidos e usados nos ambientes virtuais da Internet são o e-mail, os chats, o weblog e, com as redes sociais, especificamente o site social Facebook, os Comentário.

A rede de relacionamento Facebook é o suporte do gênero discursivo Comentário e de outros gêneros discursivos, que possuem como principal propriedade o perfil conversacional. A propriedade conversacional reflete as especificidades de um diálogo ou conversação, a qual é formada pela troca de turnos e pela organização tópica. No entanto, é necessário observar que nem sempre ocorre a troca de turnos no gênero comentário. Mas em perfis de jornalistas, como Eliane Catanhêde, se verifica a estrutura conversacional com coordenação de trocas de turnos e de organização tópica. Como observa Marcuschi (2007:75): «uma conversação não é um enfileiramento aleatório e sucessivo de turnos. Ela é organizada por estratégias de formação e coordenação». Portanto, no Facebook, as trocas de turnos seguem a regra basilar da conversação «fala um de cada vez» (Marcuschi, 2007:19.), ou melhor, «publica seu comentário um de cada vez». A organização tópica também tem função de organizar a estrutura da conversação, pois, há necessidade de que os participantes da interação conversacional abordem o mesmo tópico ou sub-tópicos relacionados ao tópico principal.

A organização tópica de qualquer gênero de perfil conversacional «só se estabelece e se mantém (...) se existe algo sobre o que conversar, nem que seja futilidades ou

sobre o tempo, e se isto é conversado», de acordo com Marcuschi (2007:77). A organização tópica está relacionada com a referência, pois, para manter a progressão tópica na conversação o indivíduo realiza escolhas linguísticas que determinem o 'projeto de dizer'. E a retomada e a (re)construção de referentes no enunciado, que no caso da nossa discussão são os comentários publicados pelos internautas, efetivam a progressão ou a continuidade tópica.

A continuidade tópica vai se realizar coerentemente se não ocorrer na progressão tópica rupturas definitivas do tópico ou interrupções excessivamente longas. A progressão do referente no texto nos indica se está ocorrendo a progressão e a continuidade tópica. A inserção de um referente totalmente distinto nas cadeias presentes no texto implica numa «ruptura» do tópico. Koch explica:

«A continuidade dos referentes (...), obtida por meio das cadeias referenciais, não permite que estes sejam "arquivados" na memória de longo termo, mantendo-se em estado de ativação». (2002:131)

O suporte Facebook, por ser hipertextual, possibilita que ocorra a associação de gêneros discursivos de natureza distinta, como se dá no perfil de jornalistas que trabalham como comentaristas de fatos relacionados ao contexto político brasileiro. Em seus perfis circulam, além de imagens e vídeos, seus artigos que expressam as suas opiniões sobre tais temas políticos. Da minha parte, havia o interesse de avaliar se os comentários publicados por internautas no site social Facebook, explicitavam pontos de vista coerentes com o que era abordado em artigos de opinião de jornalistas, como Eliane Catanhêde.

Se os internautas opinavam sobre a opinião dos jornalistas, então, ocorria uma continuidade tópica, a partir da retomada e (re)construção de referentes propostos nos artigos de opinião dos jornalistas. E, neste sentido, se estabeleceria entre estes gêneros —o artigo de opinião e os comentários— uma progressão semântica.

Diante disso, faço menção à heterogeneidade do discurso e cito Authier-Revuz (in Figaro, 2012.), que propõe uma teoria da enunciação a qual considera a característica heterogênea da linguagem e o sujeito afetado pelo consciente e inconsciente. Para Authier-Revuz (35): «a heterogeneidade é uma propriedade constitutiva (e não acidental, acessória) da linguagem».

Ao publicar um comentário a respeito do artigo de opinião produzido, por exemplo, pela jornalista Eliane Catanhêde, o interlocutor aciona o seu *link* cognitivo ou sistema cognitivo e ativa os referentes, que estavam presentes no artigo da jornalista e «arquivados» na sua memória de trabalho, na superfície textual do seu comentário. A retomada ou a (re)construção de referentes realizada pelo internauta vai sinalizar o que há de comum com o ponto de vista do «outro», que, neste caso, é a jornalista Catanhêde. Por isso que Authier-Revuz (Figaro, 2012:35) adverte: «O discurso não é fechado nele mesmo, ele está o tempo todo remetendo ao "outro", o "outro" aqui entendido como o outro/meu interlocutor e também os outros discursivos, produzidos alhures e que atravessam toda enunciação».

Neste sentido, para compreendermos o processo de referenciação em pontos de vista, analiso o artigo de opinião da jornalista Eliane Catanhêde: «O rei do pixuleco?», publicado no dia 5 de Agosto de 2015, às 5h, no suporte Facebook. O artigo trata do distanciamento do Partido dos Trabalhadores e do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva com o ex-ministro José Dirceu, condenado por corrupção. Antes, enumero as principais estratégias de referenciação (Koch, 2002:85):

- { uso de pronomes ou elipses (pronomes nulos);
- { uso de expressões nominais definidas;
- { uso de expressões nominais indefinidas.

As estratégias de referenciação indicadas vão possibilitar a progressão textual de qualquer gênero discursivo, numa oscilação de movimentos como:

- { o projetivo – catáfora;
- { o retrospectivo – anáfora.

Logo, como explica Koch (2002:85): «a progressão textual se dá com base no já dito, no que será dito e no que é sugerido, que se co-determinam progressivamente».

Diante do exposto podemos analisar o artigo de opinião da jornalista Eliane Catanhêde e os comentários publicados nos Facebook relacionados. Segue o texto:

60 { texturas 15

Texto 1

Eliane Catanhêde - O Rei do pixuleco?

Se o PT lava as mãos e entrega **José Dirceu** à própria sorte, o que fará quando, e se, o juiz Sérgio Moro e a Operação Lava Jato chegarem até **o ex-presidente Lula**? Ok, **Lula** é Lula, mas **Dirceu** também é Dirceu. Ou será que, de repente, deixou de ser e virou **o rei do «pixuleco»**?

Lula é o grande líder e o maior símbolo da história do PT, mas **José Dirceu** foi o grande operador e o maior comandante das tropas petistas nesses 35 anos. **Um** foi o mito das lutas sindicais, o outro foi o ídolo das lutas estudantis. **Um** agia à luz do dia, em cima de palanques, o outro agiu boa parte do tempo na penumbra, no anonimato. **Os dois** são indissociáveis.

Dos tempos heroicos do ABC paulista, megafone em punho, **Lula** é um sedutor e parecia irremediavelmente sedutor até o petróleo o atingir em cheio e o governo Dilma Rousseff passar por cima. Primeiro, encantou as mulheres, depois os metalúrgicos, em seguida trabalhadores de todos os setores, mais adiante a intelectualidade e a igreja, e finalmente a opinião pública brasileira.

Concorreu cinco vezes à Presidência da República, perdeu três, ganhou duas, ressurgiu das cinzas do mensalão, desceu a rampa do Planalto como **um dos líderes mais populares** de

{ cristina normandia
dos santos }
{ o processo de
referenciação... }
{ pp. 54-65 }

todos os tempos e levou para casa um troféu: a eleição da inacreditável Dilma, que só foi candidata —e só chegou aonde chegou— pela única e exclusiva razão de que **Lula** quis.

Logo, **o PT** abandonar **Lula**, ou lavar as mãos, parece o fim do mundo, certo? Mais ou menos, porque, ao renegar **José Dirceu**, **o partido** sinaliza que já não tem discurso nem energia para defender quem quer que seja —nem para se defender— da profusão de delações e descobertas escabrosas. Digamos, pois, que **o PT** está a caminho do fim do mundo, depois que sua Executiva Nacional decidiu que, sente muito, não tem como defender o indefensável e não vai mais se associar a **Dirceu**. **Ele** virou coisa do passado, além de caso de polícia.

É uma pena, porque **Dirceu** tem uma vida digna de filme, que começa nos congressos da UNE contra a ditadura, passa por treinamento em Cuba, inclui uma plástica facial, uma vida clandestina no Sul e uma personalidade tão complexa ao ponto de viver durante anos com uma mulher que amava sem revelar a ela sequer **o seu nome verdadeiro**.

Politicamente, **Dirceu** é do **PT** desde a gestação, foi **seu presidente** de 1995 a 2002, ameaçou se tornar a eminência parda do primeiro mandato de **Lula** e foi **responsável** por dois movimentos decisivos tanto para a ascensão e glória quanto para a débâcle e vergonha do partido. Foi **ele** quem deu a guinada «pragmática» para arrecadar dinheiro e levar **Lula** à vitória. E foi **ele o gênio do mal** que articulou o mensalão, possivelmente idealizou o petrolão e usufruiu dele com bem mais do que **um Fiat Elba**. E não é mais primário.

Segundo o então ministro Joaquim Barbosa, fazendo eco à Procuradoria-Geral da República, **Dirceu** foi **o «chefe da quadrilha» do mensalão**. Segundo o juiz Sérgio Moro, ele demonstra «profissionalismo na prática de crimes». E segundo o procurador Carlos Fernando Lima, **ele** «instituiu o esquema do petrolão e se beneficiou dele». Conclusão: cartel de empreiteiras existe desde sempre, mas o petrolão inovou ao inverter o organograma. Em vez de os políticos só se aproveitarem do cartel, eles passaram a controlar o cartel a favor de esquemas de poder, de partidos e, como **Dirceu**, deles próprios.

Dirceu não está sozinho. **Ele** lidera uma fila de petistas em que o também ex-presidente José Genoino (caso à parte), dois ex-tesoureiros e figuras como André Vargas jogaram fora as glórias do passado para enfrentar o presente atrás das grades. A fila anda, mas não se sabe ainda onde vai parar. É isso que deixa **o PT** e **Lula** muito nervosos.

61 { texturas 15

Após a leitura do artigo «O Rei do pixuleco?», esmiúço o ponto de vista da jornalista em duas cadeias coesivas anafóricas. A primeira se refere ao referente «O ex-presidente Lula» e a segunda ao referente José Dirceu. Observe:

{ Cadeia anafórica I :

O ex-presidente Lula ↔ Lula ↔ Lula ↔ Lula ↔ O grande líder ↔ O grande símbolo da história do PT ↔ um ↔ O mito das lutas sindicais ↔ um ↔ Lula ↔ Um sedutor ↔ φ encantou ↔ φ concorreu ↔ φ perdeu ↔ φ ganhou ↔ φ ressurgiu ↔ φ desceu ↔ φ levou ↔ φ chegou ↔ φ chegou ↔ Lula ↔ Lula ↔ Lula ↔ Lula ↔ Lula.

{ cristina normandia dos santos }
{ o processo de referenciação... }
{ pp. 54-65 }

{ Cadeia anafórica 2:

José Dirceu ↔ Dirceu ↔ Dirceu ↔ O rei do pixuleco ↔ José Dirceu ↔ O grande operador ↔ O maior comandante das tropas petistas ↔ O outro ↔ O ídolo das lutas estudantis ↔ O outro ↔ José Dirceu ↔ Dirceu ↔ Ele ↔ Dirceu ↔ O seu nome verdadeiro ↔ Dirceu ↔ Responsável ↔ Ele ↔ Ele ↔ O gênio do mal ↔ Dirceu ↔ O «chefe da quadrilha» do mensalão ↔ Ele ↔ Dirceu ↔ Dirceu ↔ Ele.

A partir das principais cadeias anafóricas, observamos que o artigo de Catanhêde é construído de modo que o leitor compreenda que José Dirceu deveria representar para o Partido dos Trabalhadores o mesmo grau de importância do ex-presidente Lula. Isto fica evidente nas expressões definidas usadas para cada referente —Lula e Dirceu— destacadas nas cadeias 1 e 2.

{ *O ex-presidente Lula*: O grande símbolo da história do PT, O mito das lutas sindicais, Um sedutor.

{ *José Dirceu*: O rei do pixuleco, O grande operador, O maior comandante das tropas petistas, O ídolo das lutas estudantis, O gênio do mal, O «chefe da quadrilha» do mensalão,

O mais interessante de se observar é que ambos possuem o mesmo grau de importância no partido, tanto que a jornalista afirma: «*Os dois são indissociáveis*». Entretanto, se destacam em condições distintas. Lula é: *líder, símbolo, mito e sedutor*. José Dirceu é: *operador, comandante, ídolo, gênio e chefe*. Com estas designações, os referentes adquirem no discurso um distanciamento, que dá ao referente José Dirceu uma condição de superioridade em relação ao referente Lula. Pois, José Dirceu, a partir das designações, é a representação do Partido dos Trabalhadores que «arquiteta» as ações do partido. E Lula faz parte do «projeto político» de José Dirceu. Ou seja, José Dirceu criou «o grande líder», Lula.

E nesta reconstrução dos referentes Lula e José Dirceu, se reflete a opinião da jornalista Catanhêde, que questiona se Dirceu, diante da sua importância histórica no Partido dos Trabalhadores, se tornou um ordinário «Rei do pixuleco» (O termo «pixuleco» significa a designação da propina dada por corruptores da Empresa Nacional Petrobrás). Além disso, se observa que os referentes José Dirceu é o Tópico discursivo e Lula o sub-tópico discursivo do artigo de opinião.

Outro aspecto que merece ser observado, no processo de reconstrução dos referentes, é quando a jornalista retoma 'Lula' com o artigo indefinido «um» e retoma 'Dirceu' com o sintagma nominal «o outro». Este sintagma tem como núcleo o pronome indefinido 'outro', adquirindo, assim, uma função nominal por estar acompanhado do artigo definido. Mas tanto o uso do artigo indefinido «um» quanto o uso do definido «o» exercem, no discurso, a função de localizadores discursivos. O artigo indefinido «um», «opera em particular como identificador de um membro de um conjunto», de acordo com Lima (in Koch, Morato & Bentes, 2012:200). Já

o artigo definido, é empregado em situações «em que o objeto designado entre em contraste com um outro objeto», segundo Apothéloz e Chanet (in Cavalcante, Rodrigues & Ciulla, 2003:142). O referente José Dirceu está em contraste com o referente O ex-presidente Lula.

Com as cadeias anafóricas dos referentes verificamos o processo de organização do ponto de vista da jornalista Catanhêde. Cortez e Koch (in Cavalcante & Lima, 2013:10) explicam que «o ponto de vista (PDV) não se limita à expressão de uma percepção e integra julgamentos e conhecimentos que o locutor e/ou enunciador projetam sobre o referente», logo, a partir desta postulação podemos, agora, analisar três comentários publicados pelos leitores da jornalista, em seu perfil do Facebook. Advirto que este artigo obteve dezenas de comentários. Em que determinaremos se há similaridades entre os pontos de vista da produtora do artigo e seus leitores. Observe os comentários destacados:

Texto 2

Leidiane - Esse «abandono» já é parte da ESTRATÉGIA de LULA /PT para 2018. Se descolar de **Zé Dirceu** para novamente se CANDIDATAR como **SALVADOR da pátria**. O que importa de verdade prá todos eles são os dedos, por isso deixam os anéis se perderem...

Marialva - Estou aqui a pensar de como triste é o seu relato **Eliane Catanhêde**. Estou vendo o **Zé Dirceu** do «meu tempo», **líder estudantil**, ao lado do Luiz Travassos e Vladimir Palmeira, a defender **seus ideais**, que eram os nossos. Que **guri inteligente e admirável!** E agora, isso? Como pode ter acontecido tanta mudança? Não sei explicar, mas lamento, lamento muito ...

Emilio - Marialva, ao mesmo tempo que exigimos que a justiça seja feita, até as últimas consequências. Vem uma tristeza de **um sonho maculado**. Como ousaram corromper aquela **ideia de pureza**, de que tudo era possível. Não sei se **as pessoas** mudaram ou se revelaram. Realmente da uma tristeza em quem sonhou **esta utopia**.

63 { texturas 15

Podemos, inicialmente, perceber que os três leitores interagiram com a jornalista, porém, o leitor «Emilio» em seu comentário, tem uma atitude responsiva a leitora «Marialva», o que nos faz lembrar um dos aspectos da conversação que é a troca de turnos. Além disso, «Emilio» insere um sub-tópico na conversação quando se refere a «um sonho maculado», que é reconstruído pelas expressões definidas «ideia de pureza» e «esta utopia», formando a cadeia anafórica a seguir:

{ Cadeia anafórica 3:

Um sonho maculado ↔ ideia de pureza ↔ esta utopia.

{ cristina normandia
dos santos }
{ o processo de
referenciação... }
{ pp. 54-65 }

Além da cadeia acima, o leitor ‘Emilio’ faz referência a Lula e a Dirceu, usando a expressão definida «as pessoas», em que indica um processo de afastamento do leitor ‘Emilio’ dos referentes Lula e Dirceu.

No comentário da leitora ‘Leidiane’, destaco o uso da expressão definida «Esse abandono», que tem uma função encapuladora, pois, segundo Conte (in Cavalcante, Rodrigues & Ciulla, 2003:177), «um sintagma nominal funciona como uma paráfrase resumitiva de uma porção precedente do texto». Neste caso, «Esse abandono» se refere ao distanciamento do Partido dos Trabalhadores com Dirceu, abordado por Catanhêde. Ainda sobre o comentário de «Leidiane», destaco a retomada do referente José Dirceu por «Zé Dirceu», indicando uma informalidade, e a expressão definida «Salvador da pátria», a qual reconstrói o referente Lula e que tem a função coesiva de ser um «rótulo». Os rótulos «são grupos nominais que falam sobre uma extensão do discurso como um ato linguístico, rotulando-o como, por exemplo, um argumento, um aspecto ou uma declaração», como nos explica Francis (in Cavalcante, Rodrigues & Ciulla, 2003:191).

Já a leitora ‘Marialva’ faz em seu comentário uma reconstrução do referente «José Dirceu», em que se observa na cadeia anafórica abaixo:

{ Cadeia anafórica 4:

Zé Dirceu ↔ líder estudantil ↔ seus ideais ↔ guri inteligente ↔ admirável.

Merece destaque, no comentário de Marialva, o uso do demonstrativo «isso» que não faz parte da cadeia anafórica acima, mas tem o perfil de anáfora associativa ou indireta, pois, o leitor precisa acionar o contexto cognitivo para compreender que «isso» indica que o referente Dirceu cometeu delitos. A anáfora indireta é recorrente com formas nominais. Koch (2002:107) explica que os elementos que correspondem a anáforas indiretas não possuem antecedentes explícitos no co-texto.

A partir destes comentários, verificamos que ocorre a retomada e a reconstrução de referentes nos pontos de vista dos leitores Leidiane, Marialva e Emilio. Logo, neste «jogo argumentativo», a jornalista Eliane Catanhêde culmina seu propósito comunicativo, que é a persuasão e o convencimento de leitores, ou internautas, no Facebook. Em cada comentário, há uma formação discursiva que espelha a orientação política, ideológica e histórica dos leitores, comprovando a existência da heterogeneidade discursiva nos enunciados. Deste modo, no discurso, o sentido é (re)construído na interação de sujeitos sociais, percepção em que se funda a concepção sócio-interativa da linguagem.

Considerações finais

O artigo buscou trazer para discussão o processo de referência organizando pontos de vista de interactantes, na rede social Facebook, em que considero um suporte que possibilita «uma interação virtual desterritorializada», conceito proposto por Koch (2002) sobre o aspecto hipertextual da Internet.

Acredito que conhecer o processo de reconstrução da realidade na Internet, particularmente em pontos de vista de gêneros discursivos opinativos, propicia a sociedade a utilizar com consciência esta recente mídia de massa que é a Internet, com seus sites sociais, evitando um uso baseado na espetacularização.

Referências bibliográficas

- Bahktin, M. (2010). *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- Apothéloz, D. e Chanet, C. (2003). Definido e demonstrativo nas nomeações. In Cavalcante, M.M.; Rodrigues, B.B.; Ciulla, A. *Referênciação* (pp. 131–176). São Paulo: Context.
- Canclini, N.G. (2009). *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. 3º ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- Castells, M. (1999). *A Sociedade em Rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura*. V. 1. São Paulo: Paz e Terra.
- Conte, M.–E. (2003). Encapsulamento anafórico. In Cavalcante, M.M.; Rodrigues, B.B., Ciulla, A. *Referênciação* (pp. 177–190). São Paulo: Context.
- Cortez, S.L. & Koch, I.G. (2013). Villaça. A construção do ponto de vista por meio de formas referenciais. In Cavalcante, M.M. & Lima, S.M.C. (Orgs.), *Referênciação: teoria e prática* (pp. 9–29). São Paulo: Cortez.
- Francis, G. (2003). Rotulação do discurso: Um aspecto da coesão lexicai de grupos nominais. In Cavalcante, M.M.; Rodrigues, B.B., Ciulla, A. *Referênciação* (pp. 191–228). São Paulo: Context.
- Houaiss, A. e Villar, M.S. (2009). *Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Koch, I. (2002). *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez.
- (2014). *As Tramas do texto*. 2º ed. São Paulo: Contexto.
- Marcuschi, L.A. (2007). *Análise da Conversação*. 6º ed. São Paulo: Ática.
- Marcuschi, L.A. & Xavier, A.C. (Orgs.) (2010). *Hipertexto e gênero digitais: novas formas de construção de sentido*. 3º ed. São Paulo: Cortez.
- Lima, M.L. (2012). Referênciação e investigação do processamento cognitivo: o exemplo do indefinido anafórico. In Koch, I.; Villaça, M.; Edwiges, M. e Bentes, A.C. (Orgs.), *Referênciação e discurso* (197–218). 2º ed. São Paulo: Contexto.
- Revuz–Authier (2012). A heterogeneidade do discurso. In Figaro, R. *Comunicação e Análise do Discurso* (35–43). São Paulo: Contexto.
- Santaella, L. (2004). *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus.